

CLÁSSICOS DA GEOGRAFIA

A GEOGRAFIA DE PIERRE MONBEIG

Clarice Cassab

Profa. do Departamento de Geociências da UFJF

Geógrafo francês, Pierre Monbeig nasceu em 1908 tendo se formado em Letras (História e Geografia) na Université de Paris em 1927. Durante sua formação universitária foi aluno de professores como De Martonne e Albert Demangeon, esses fortemente influenciados pela geografia de Paul Vidal de La Blache. Este importante geógrafo morreu em 1987 tendo deixando em sua trajetória influências fundamentais para a história da Geografia, como um todo, e a brasileira em particular.

Já formado, em 1935, foi convidado para assumir a cadeira de Geografia Física e Humana, então ocupada pelo professor Pierre Deffontaines, na recém criada Universidade de São Paulo, no Brasil. Em 1938, deixou a cadeira de Geografia Física, para dedicar-se exclusivamente à disciplina de Geografia Humana. Ainda em 1937, assumiu a presidência da Associação de Geógrafos Brasileiros, cargo que ocupou até 1946.

Após seu regresso para a França, em 1947, Monbeig defendeu seu doutorado, apresentando como tese principal o trabalho *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*, complementada pela tese *Crescimento da Cidade de São Paulo*. Ambas resultantes de seus anos no Brasil. Em 1950, já como doutor tornou-se professor da Faculdade de Letras, assumindo a disciplina de Ensino de Geografia Colonial.

Monbeig trouxe para o Brasil as contribuições da Geografia francesa, então a matriz de pensamento mais influente. Seus alunos estudaram a Geografia a partir das obras de autores franceses de grande expressão como os geógrafos Vidal de La Blache, Albert Demangeon, Max Sorre e Emmanuel De Martonne, além de historiadores como Lucien Febvre, Marc Block e André Sigfried.

Sua formação na Geografia francesa influenciou fortemente sua prática, tanto no que concerne ao peso dado à História para a explicação da realidade,

quanto pela ênfase à descrição detalhada da paisagem e dos homens, em especial da sociedade local, como elemento fundamental para a análise geográfica. Método adotado também por Vidal de La Blache em seu *Quadro da Geografia da França*.

Para Pierre Monbeig cabia a Geografia estudar a realidade como sendo uma totalidade complexa. É dessa premissa que o autor extrai seu conceito de “complexo geográfico”, fortemente influenciado pela idéia lablachiana da existência da complexidade e das interrelações dos fenômenos que ocorrem na superfície da Terra.

Para Monbeig o geógrafo deve compreender e explicar a realidade da mesma forma como se desmonta um mecanismo com o intuito de ver todas as suas partes. Sempre, contudo, tomando cuidado com a forma na qual as partes se ajustam, já que é ela que asseguraria o bom funcionamento do mecanismo. Uma vez explicada é preciso compreendê-la através da análise do conjunto dos diferentes elementos que compõem determinada realidade. (MONBEIG, 1952).

Assim, nos dirá o mestre:

Uma linha de estrada de ferro, por exemplo, não é somente o traçado da via, a velocidade dos trens, nem a lista de cidades que ela dessela, nem o número de viajantes e a tonelagem das diversas mercadorias que ela transporta. É tudo isso junto, mais os capitais que asseguram seu funcionamento, as atividades que ela suscita, as concorrências que ela sofre e outras coisas mais. O economista limitar-se-ia ao estudo de alguns desses aspectos, o técnico a outros, o especialista em questões demográficas a outros. O geógrafo os toma na sua totalidade e os considera como um todo no qual todas as partes são solidárias (MONBEIG, 1952).

Como reconhecer esses complexos? O primeiro passo de seu método geográfico é o olhar sobre a paisagem. Deve o geógrafo “saber olhar, e aí onde um olho não advertido vê apenas linhas e cores, ele compreende a significação profunda, o valor humano da paisagem” (MONBEIG, 1952). Contudo, Monbeig adverte que a paisagem não é apenas aquilo que se pode ver mas também o que pode se sentir. Por essa razão, o geógrafo não pode se restringir a mera

descrição da paisagem se pretende alcançar o complexo geográfico. Pois, como alerta Monbeig:

O complexo se exprime antes de tudo na paisagem, a qual, formada uma e indissociável pelos elementos naturais e pelos trabalhos dos homens, é a representação concreta do complexo geográfico. Por essa razão, o estudo da paisagem constitui a essência da pesquisa geográfica. Mas é absolutamente indispensável que o geógrafo não se limite a análise do cenário, à apreensão do concreto. A paisagem não exterioriza todos os elementos constituintes do complexo. Nem sempre nela se encontrarão expressos com clareza os modos de pensar, as estruturas financeiras, que são, entretanto, parcelas apreciáveis do complexo geográfico. Outro perigo – a limitação do campo de estudo à paisagem ameaça levar o pesquisador ao recurso exclusivo da descrição. (...) A paisagem é o ponto de partida, mas não um fim. Resulta do complexo geográfico, sem confundir-se com ele (MONBEIG, 1957, p.11).

Assim, o estudo do complexo geográfico não se esgota na descrição da paisagem. Compreender o complexo geográfico significa avançar para além da paisagem, buscando indentificar e analisar a teia de interrelações que ocorrem entre os elementos físicos e humanos nela expressos. Este é o segundo ponto do método geográfico do autor. (MONBEIG, 1952).

Esse foi, sem dúvida, o esforço permanente de sua geografia. Esforço que ele imprimiu em todos os temas de seus estudos. E no Brasil não foi diferente. Sua chegada à São Paulo coincidiu com um período de grandes transformações no país quando da transição do modelo de desenvolvimento agrário e rural para o modelo urbano e industrial. Transformações que tinham, em grande medida, São Paulo como seu epicentro.

Monbeig, com seu olhar atento, percebeu essas mudanças. Transformações que se materializavam na paisagem do país impulsionadas por processos como desmatamentos, criação de novas vilas e/ou crescimento de antigas, crescimento e dinamização das cidades, chegada crescente de imigrantes, desenvolvimento das indústrias, ampliação das ferrovias, criação de novos centros urbanos e pelo crescimento econômico, além de mudanças políticas e culturais.

São Paulo fervia, o Brasil fervia, e Monbeig não deixou de perceber isso. De pronto, começou suas pesquisas sobre as zonas pioneiras no Oeste do estado de São Paulo e Norte do Paraná alertando seus alunos sobre a importância dos trabalhos de campo. Aziz Ab' Saber, ele mesmo um de seus alunos, lembra que Monbeig advertia;

que toda a teorização precoce acabava por ser repetitiva e infértil. Era necessário iniciar-se por trabalhos analíticos sobre temas reais, percebidos no teatro geográfico das atividades humanas, quer no mundo rural quer no urbano. Antes de se iniciar nos trabalhos de campo e na percepção das relações entre os homens e a terra, e os homens e a sociedade, era impossível teorizar (Ab`Saber, 1994).

Monbeig também é considerado um dos pioneiros dos estudos de Geografia Urbana no Brasil. Diante da constatação da quase inexistência de estudos da realidade urbana brasileira – em franco processo de expansão, experimentado por Monbeig, morador daquela que seria a futura metrópole do estado de São Paulo, e mais importante do país, o geógrafo passará a ter no urbano um de seus campos de estudo.

Novamente é Ab`Saber (1994) quem nos dirá:

a medida em que foi tomando consciência sobre as cidades do interior paulista e norte-paranaense — nascidas e crescidas ao saber do ciclo do café — Monbeig incentivou alunos e ex-alunos a realizarem monografias sobre os núcleos urbanos que melhor conheciam: ou, por terem neles nascido, ou porque neles desenvolveram atividades de ensino. Dessa sua iniciativa, surgiram vários estudos, mais tarde publicados em revistas, as mais diversas.

Seu artigo, *O estudo geográfico das cidades*, é considerado o marco inicial da pesquisa em Geografia Urbana no Brasil. Originalmente publicado em São Paulo, na Revista do Arquivo, em 1941, neste artigo Monbeig propõe um método para a realização dos estudos sobre cidades, introduzindo no Brasil conceitos hoje tão comuns à Geografia Urbana, tais como: sítio urbano, posição geográfica e função urbana.

Totalmente afinado com o que se produzia sobre os estudos urbanos no Brasil e no mundo, em *O estudo geográfico das cidades*, Monbeig recorreu a autores da Escola de Chicago, como Park e Burgess, além de outros autores como Preston James, Philipe Arbos, Pierre Deffontaines. Contudo, o geógrafo francês buscou ir além, lançando as bases para a realização daquilo que chamou de “monografias urbanas”.

O estudo geográfico das cidades é o esforço do autor de construir um caminho teórico-metodológico para os estudos urbanos no Brasil, até então quase inexistentes. Assim, “essa espécie de guia da monografia urbana” busca traçar o percurso para a produção de estudos sobre as cidades, sejam elas grandes, médias ou pequenas. A “síntese urbana” apresentada por Monbeig neste texto seminal refere-se à descrição e à análise das paisagens e fenômenos, ao estudar de maneira integrada os componentes físicos e humanos da cidade.

Posteriormente, o autor acrescentou um apêndice no qual discute novos pontos, incorpora outras informações bibliográficas e apresenta novas indicações metodológicas. Este texto e seu apêndice podem ser encontrados no site da biblioteca do IBGE, em sua coleção digital. Vale a leitura!

Referências bibliográficas

AB'SABER, A. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. **Revista de estudos avançados**, São Paulo, vol. 8, nº 22, p. 221-232, 1994.

MONBEIG, Pierre. O estudo geográfico das cidades. **Boletim Geográfico**, IBGE. ano 1, nº 7, p. 7-29, outubro de 1943.

_____. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957.

_____. Leçon inaugurale 6 de novembre de 1952: Conservatoire National des Arts et Métiers . In: THÉRY, Hervé; DROULERS, Martine. **Pierre Monbeig un géographe pionnier**. Paris: CREDAL, 1991 (Collection Travaux et Mémoires de l'HEAL n 55).